A morte de Chico Mendes

José Carlos de Freitas

Hay um día en que se nace
a la gloria y a la suerte
a la suerte y a la muerte
hay um día en que se nace

Mario Benedetti

Retratos na parede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapori são retratos de pessoas matadas. Pessoas que, mais que resistir ao sistema, inspiraram a resistência de outros. Chico, depois de ser torturado pela polícia do Estado, decide ir embora. No caminho encontra a mesma polícia guarnecendo a estrada para franquear a passagem das máquinas. É com elas que se derrubam as árvores, que se rasga o chão, que se põe o pasto, o boi e a soja e que se expulsam os homens de suas moradas, de sua sobrevivência. Retratos na parede são retratos de pessoas matadas.

Chico retorna à cidade. Sua fuga não se estendera a cinco quilômetros. O suficiente para vislumbrar o tamanho da causa. Desce do ônibus com a companheira Ilzamar. Entram os dois na sede do Sindicato. Na parede atrás de si, há pelo menos sete retratos de pessoas matadas. Chico diz à companheira: "Chega de viúvas! Chega de órfãos!". Um propósito de luta nestas palavras de ordem. Luta à moda de Gandhi: resistência sem revide, sem armas, só corpo, carne e osso, armas frágeis contra o aço das máquinas, dos rifles e do poder econômico que não comunga com a vida nem com a partilha. Retratos na parede são retratos de pessoas matadas. Chico olha e vê nos mortos a necessidade de honrar o seu martírio. A forma mais adequada de honra é encarnar a luta, mesmo sabendo da possibilidade de vir a ser também outro retrato na parede. Afinal, a parede é larga como os cemitérios.

No dia 8 de agosto deste ano, há dois meses, morria Dom Pedro Casaldáliga. Em sua casa, também há retratos na parede. Retratos de pessoas matadas. Em Ribeirão Cascalheira, Mato Grosso, ele construiu um santuário dedicado aos mártires da caminhada. Nas paredes do templo, retratos de pessoas matadas. Matadas em razão de suas opções de vida. Pessoas matadas carregam a culpa de resistir a um ordenamento de coisas e de tentar construir uma vida viável para muitos. Culpadas em tribunais de exceção, sentenciadas sem o direito a defesa, exterminadas à sorte de covardias.

No dia 14 de março de 2018, Marielle se tornou um retrato na parede. Retrato de pessoa matada. Ela e seu motorista Anderson. Tentaram descaracterizar sua luta. "Quem é Marielle? – me pergunta um professor bolsonarista – quem é Marielle? Uma sapatão, uma simples vereadora. Tão fazendo onda, porque é lgbt. Quantas mulheres não morrem todo dia?, inclusive mulheres-policiais, e ninguém dá tanta importância." Em 2019, 24 ativistas foram assassinados no Brasil. 10 deles eram

lideranças indígenas. Retratos na parede. Tão necessários os retratos na parede. Parede firme. E espera-se dela que os sustente com parafusos fortes, que os retratos também não caiam e se fraturem como os seus retratados.

Eu aponto estes retratos e seus retratados, como introdução para falar da morte de Chico Mendes. Porque não quero levantar o contexto de sua luta nem situar as condições dos homens seringueiros, coisa que nosso convidado Professor Jones já fez com melhor pertinência. Eu quero falar dessa *morte matada* e de seu significado dentro da filosofia. Numa de suas entrevistas, Dona Raimunda, do Bico do Papagaio, declarou: "Sofri ameaças e juramentos de morte. Eu quero morrer de morte natural. Não quero morrer de morte matada." Seria completamente desonesto o pensamento de que alguma liderança busque no atentado contra sua vida uma inscrição apoteótica na história. Ainda que isto ocorra, inevitavelmente, com o seu martírio. As lideranças genuínas buscam a vida, querem gozar a vida, por entenderem que a vida que vale a pena é aquela partilhada e celebrada entre muitos. São pessoas que passam a vida congregando. E como há forças desagregadoras de vida, elas compreenderam que devem se colocar como combatentes da desagregação.

Em todos os episódios de *morte matada*, no que concerne a represália ou repressão de ideias e práticas libertadoras, sempre há uma identidade bipolarizada de poder: o poder de quem mata e o poder alquebrado do matado. Na introdução de seu ensaio *Necropolítica*, Achille Mbembe diz que parte do pressuposto de que "a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Ser soberano é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder"[1] Chico foi assassinado no ano em que o Brasil dava a si uma Constituição Cidadã (1988), recém-saído da ditadura militar. Até esta época, o Acre, assim como Roraima, Amapá e Fernando de Noronha eram territórios federais e não Estados. Quais as soberanias que pairavam sobre o território brasileiro e, consequentemente, sobre o Acre? Valiam ali as leis federais. A maior parte da luta de Chico se deu no período da ditadura militar. Um governo federal, na verdade, constituído e sustentado por grandes latifúndios no interior do país. Latifúndios construídos à base de grilagem, de facilidades cartoriais e de programas de ocupação sob a desculpa de levar o progresso a paisagens esquecidas do país. Uma ocupação extensiva de fronteiras agrícolas monocultoras ainda em curso, porque vigentes. Processo vigoroso, maciço de empreendimento econômico que leva ao colapso ambiental. Em resumo, no território brasileiro, a soberania que exerce o poder de matar é a de quem se apodera de grandes extensões de terra. Do outro lado, populações ribeirinhas, comunidades nativas tradicionais, comunidades de trabalhadores extrativistas que dependem da preservação da floresta para se preservarem. Como diz o Chico, no filme: "Esta terra só vale se tiver árvore nela".

[1] MBEMBE, Achille. *Necropolítica.* São Paulo: N-1 Edições, 2018, p.5.

Recentemente, a Ministra da Agricultura, Tereza Cristina, declarou que "se houvesse mais gado no Pantanal, o desastre das queimadas teria sido até menor". Fala que representa uma soberania e que, de seu ponto de vista, não é isenta de verdade. Pois onde se assomam os latifúndios, o que se perde, o que se danifica é a diversidade. O progresso, como dizem Lepovitsky e Serroy, reduz tudo à mesma paisagem. Se houvesse gado, só o gado se perderia? Possivelmente nem o gado, pois o Estado, como sucede no filme, age com maior presteza a favor de seus parceiros, seus lobistas, seus iguais. Soberania "que pode decidir quem vive e quem morre".

A decisão sobre quem vive e sobre quem morre tem seus critérios, tem seus ingredientes. Uma delas é a tortura. Tortura que comparece no filme, não para se chegar a quem matou primeiro as lideranças sindicais (as dos retratos na parede), mas para se chegar a quem revidou e matou mandantes de assassinato. Sem dó, o Estado policial agrediu, bateu, torturou. Assim como age com pobres, negros e moradores de rua em sua abordagem costumeira. Há dois tratamentos: um para a agressão de quem realiza o poder, outro para aqueles que são considerados a escória, o incômodo, os promotores de subversão da ordem. A história tem mostrado que, quanto mais anônima uma pessoa, mais suscetível de violações esta pessoa é. Porque suas dores não tomam a dimensão de uma comoção generalizada como deveria, não é percebida como um aviltamento à humanidade como um todo. E muitas violências se tornam episódios apagados nos corpos de muitas vítimas. Judith Butler diz que "A percepção de que podemos ser violados, de que outros podem ser violados, de que estamos sujeitos à morte pelo capricho de outrem: todos esses são motivos de medo e luto".[2] Chico é uma existência, como todas as matadas que se tornaram retratos em parede, em constante processo de enlutamento.

No enlutamento, as vidas se expõem como precárias. E é assim que elas se irmanam e se reconhecem na urgência de uma luta. Judith diz ainda que "uma percepção que a violação proporciona é de que existem outras pessoas das quais minha vida depende, pessoas que não conheço e que talvez nunca conheça. Essa dependência fundamental das pessoas anônimas não é algo de que eu possa, voluntariamente, me afastar."[3] Esta pertença Chico a entendeu, como tantas outras vidas violadas. E se comprometeu com elas, ainda que sabendo do possível desfecho. As forças são desigualmente distribuídas. O Estado tem soldados e armas, máquinas e autoridade. Os seringueiros tem seus corpos, suas mulheres, suas crianças. Judith escreve: "Existem meios de distribuir vulnerabilidades, formas diferenciadas de alocação que tornam algumas populações mais suscetíveis à violência arbitrária do que outras."[4] Há 32 anos, Chico foi assassinado. Acreditaram e ainda acreditam que a eliminação de lideranças pode por fim a problemas levantados por parcelas da população que têm uma vida precária. Aquilo que escapa ao poder corruptor do dinheiro pode não escapar a seu poder exterminador. O que tem barrado outros derramamentos de sangue é a

[2] BUTLER, Judith. *Vida precária. Os poderes do luto e da violência.*Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p.9.
[3] BUTLER, Judith. *Vida precária. Os poderes do luto e da violência.*Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p.10.
[4] Idem.

constatação de que isto pode não ser inteiramente verdade. Pois algumas lideranças possuem a força da inspiração. Sua luta se perpetua nos inspirados. É quando se tornam mártires evidentes e que pulsam além do seu retrato na parede. Chico Mendes foi um destes mártires. Ele se tornou naquilo que o país tem negado, sobretudo na conjuntura política atual, de tributar a seus mortos: o de ser uma vida enlutada.

Nesta semana, tivemos a ignóbil notícia do vice-presidente brasileiro defendendo o torturador General Ustra como defensor dos Direitos Humanos, numa tentativa vil de construir uma narrativa que heroifique facínoras de ontem para inspiração das jovens gerações de hoje. Em *Homens em tempos sombrios*, Hannah Arendt diz que "A história conhece muitos períodos de tempos sombrios, em que o âmbito público se obscureceu e o mundo se tornou tão dúbio que as pessoas deixaram de pedir qualquer coisa à política além de que mostre a devida consideração pelos seus interesses vitais e liberdade pessoal."[5] As violências do Estado, em nome de proteger a ideia duvidosa de propriedade privada – pois é nisto em que sempre se baseia sua repressão – têm o condão da impessoalidade. O indivíduo que viola é agente do Estado, o mesmo Estado que em tese é instituído por todos. Muitas vezes danificando, irreversivelmente, vidas individuais, pode alegar que foi para o bem de um todo e que a danificação é apenas um episódio lamentável. Assim, o Estado transita entre matadores e matados, não poucas vezes aliado a matadores, acolitado por estes. Há épocas, como a atual, em que no despontar de novo da crise do capital, se chega a cogitar soluções fáceis para a economia, a despertar e dar novas tintas a atitudes ignominiosas como o racismo, o desprezo das massas, o desamparo de trabalhadores e de gente sem trabalho. E as soluções fáceis levam ao discurso legitimador de autoritarismo e violências. Vimos, com isso, o aviltamento de comunidades tradicionais (marcadamente indígenas e quilombolas), tomadas como atraso num paradigma puramente mercantil de se pensar a vida. Vimos também o descaso pelo direito do que é inumano, incluindo aí flora, fauna e seus biomas. Nós padecemos de uma *ausência de luto*. Querem decidir por nós *quais vidas são dignas de luto*, desqualificando a nobreza de quem se doou pelos outros.

"Quando perdemos certas pessoas – escreve Judith Butler – ou quando somos despossuídos de um lugar, ou de uma comunidade, podemos simplesmente sentir que estamos passando por algo temporário, que o luto passará e que alguma restauração da ordem anterior será alcançada. Mas talvez, quando passamos pelo que passamos, algo sobre o que somos nos é revelado, algo que delineia os laços que mantemos com os outros, que nos mostra que esses laços constituem o que somos, laços e elos que nos compõem. Não é como se um 'eu' existisse independentemente aqui, e então simplesmente pudesse um 'você' ali, especialmente se o apego ao 'você' é parte do que compõe o 'eu'. Se eu perco você, nessas condições, não apenas passo pelo luto da perda, mas torno-me inescrutável a mim mesmo. Quem 'sou' eu, sem você?"[6]

---

[5] ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.19.
[6] BUTLER, Judith. *Vida precária. Os poderes do luto e da violência.*Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p.42.

A exemplo de Chico, sobretudo com Chico, é preciso resistir ao movimento que desacredita a ciência, o bom senso, a luta de ambientalistas, vozes perpétuas do risco que assumimos quando, no lugar de uma árvore nativa colocamos o boi; no lugar de um rio, o garimpo; no lugar de uma comunidade de seringueiros, um peão de fazenda. É preciso ainda crer, com Judith, no poder politizante do luto. E construir nossa memória que ultrapasse a memória-monumento, a que retira retratos de pessoas matadas da parede para fazê-las constituídas em nossa inspiração.

E, para concluir, recito o poema *Nós e eles*, publicado em meu primeiro livro:

Mais do que nunca essa nitidez
das trincheiras que segregam.
Nós que, apesar das lutas, estamos sempre na defasagem.
Eles que, apesar de nossas lutas, dominam
e estipulam nossos destinos, nosso pão e nossos amores.
O quão duro é encarar esta nitidez,
radioativa, siderante...

Nestas horas, como faz falta a ilusão
ou uma desculpa como muleta,
a exemplo desta: "eu não bati minhas panelas",
"eu não sacudi minhas bandeiras"...
"não tomei parte nisso, não carrego a culpa".

Não posso me dar ao direito do riso sardônico,
da alegria de ver confirmadas minhas suspeitas.
Não sou menos vítima nas minhas certezas
como não são menos vítimas os que julgo ingênuos.

O professor e o discípulo diletantes
podem não chorar no mesmo recinto,
mas serão castigados igualmente pela mesma chibata.
Assassinar sonhos não deve demover ninguém
de suas convicções num mundo que pede sujeitos pragmáticos.

Caverna platônica pelo avesso...
A nitidez fulgura, mas não liberta
com sua verdade, pois há sempre uma culpa
totalmente estranha para pagar.

(*Pequeno Tratado de Ateologia*. São Paulo: Biblioteca 24 Horas, 2018, p. 221).

Gurupi-TO, 10 de outubro de 2020.